

O embuste de 26 de Junho de 2000

Este artigo é um excerto do Capítulo 8 de *O derradeiro combate do demónio*, intitulado “[A Mensagem de Fátima contra a linha do partido](#)”.

Uma conferência de imprensa para anunciar a Linha do Partido de Sodano

E é assim que chegamos à data fatídica de 26 de Junho de 2000 – data em que o Terceiro Segredo é “divulgado” numa conferência de imprensa do Vaticano, juntamente com um comentário preparado pelo Cardeal Ratzinger e por Monsenhor Tarcisio Bertone, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, intitulado *A Mensagem de Fátima* (daqui em diante referido como *AMF*). Na *AMF*, a linha do partido sobre Fátima seria oficialmente promulgada – sob o comando directo do Cardeal Angelo Sodano. (Veja o início de [O derradeiro combate do demónio, Capítulo 8](#) para uma explicação da “linha do partido”.)

Antes de mais nada, foi dito aos fiéis que o texto que se seguia – de uma visão que tivera a Irmã Lúcia – era todo o conteúdo do Terceiro Segredo de Fátima:

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n'uma luz imensa que é Deus: “algo semelhante a como se vêem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'êles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus.

A reacção imediata de milhões de Católicos poderia resumir-se em duas palavras: *É tudo?* Sem qualquer dúvida havia algo errado: nada neste texto correspondia ao que o próprio Cardeal Ratzinger dissera sobre o Terceiro Segredo em 1984 – um ponto a que voltaremos em breve – nem continha coisa alguma que pudesse explicar a sua supressão misteriosa a partir de 1960.

De suma importância é que esta visão obscura, escrita em quatro folhas de papel de um caderno, não continha quaisquer palavras de Nossa Senhora. E, em especial, não continha nada que completasse a famosa frase dita por Nossa Senhora, ao terminar a porção da Mensagem de Fátima fielmente transcrita pela Irmã Lúcia nas suas Memórias: “Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc.” A Irmã Lúcia acrescentou esta frase, incluindo o “etc.”, à sua Quarta Memória, como parte do texto integral da Mensagem. Este acréscimo levou todos os estudiosos fidedignos de Fátima a concluir que essa frase assinalava o início da parte do Terceiro Segredo ainda por revelar, e que o Terceiro Segredo apontava para uma crise do dogma largamente espalhada na Igreja, fora de Portugal. Sem qualquer dúvida, a Santíssima Virgem tinha mais coisas para dizer que não foram postas por escrito, porque a Irmã Lúcia fora instruída no sentido de o manter em sigilo – até 1960, como sabemos.

Todavia, com uma curiosa manobra, *AMF* evitou qualquer discussão sobre a frase reveladora, ao recolher o texto da Mensagem de Fátima da *Terceira Memória* da Irmã Lúcia, onde tal frase não aparece. *AMF* justifica-o deste modo: “Para a exposição das primeiras duas partes do ‘segredo’, aliás já publicadas e conhecidas, foi escolhido o texto escrito pela Irmã Lúcia na terceira memória, de 31 de Agosto de 1941; na quarta memória, de 8 de Dezembro de 1941, ela acrescentará qualquer *observação*.” Qualquer observação? A frase-chave respeitante à conservação do dogma da Fé em Portugal não foi “qualquer observação”, mas antes *um elemento integrante das palavras ditas por Nossa Senhora*, depois das quais Ela disse: “Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.”

Depois de ter viciosamente caracterizado um elemento integrante da Mensagem de Fátima como uma “qualquer observação,” *AMF* trata de o ‘sepultar’ numa nota de rodapé que nunca mais é mencionada: “Na citada ‘Quarta Memória’, a Irmã Lúcia acrescenta: ‘Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc. ...’.”

Porque é que Sodano/Ratzinger/Bertone usaram de tanta esperteza para ocultarem esta frase-chave – a ponto de eles (tão obviamente!) se terem desviado do seu caminho só para a evitarem, usando uma Memória anterior e *menos completa* do texto da Mensagem? Se não há nada a ocultar nesta frase, porque não se usou, simplesmente, a Quarta Memória e se tentou dar uma explicação do que essa frase quer dizer? Porque é que os autores de *AMF fingiram* tão obviamente que a frase é uma mera “observação,” quando bem sabem que ela aparece no texto integral como parte das palavras proferidas pela Mãe de Deus? Regressaremos a este comportamento suspeito num capítulo seguinte (“[A ‘Mensagem de Fátima’ do Cardeal Ratzinger](#)”, Capítulo 11 de *O derradeiro combate do demónio*).

Outro motivo de suspeição era que a visão do “Bispo vestido de branco” não podia ser a *carta*, de uma só página, “em que a Irmã Lúcia escreveu *as palavras que Nossa Senhora confiou* aos três pastorinhos, como segredo, na Cova da Iria” – como o próprio Vaticano a descreveu, no já mencionado comunicado à imprensa de 1960. O texto da visão estende-se por *quatro páginas* que parecem ser folhas pautadas de um caderno.

Outra circunstância suspeita é o facto de, a 26 de Junho, a mentira do Cardeal Sodano de 13 de Maio ter sido claramente exposta: o Papa é *assassinado* por um pelotão de soldados que o abatem a tiro, estando ele ajoelhado aos pés de uma grande Cruz de madeira, fora de uma cidade meio arruinada. O Papa não está “como morto,”

como o Cardeal Sodano falsamente tinha afirmado em Maio; o Papa é morto. A visão, o que quer que ela significasse, não tem absolutamente nada a ver com o atentado de 1981. Os Fiéis – que já tinham sido enganados em Maio – continuavam agora claramente no processo de serem enganados.

As muitas e muitas discrepâncias levantadas por este texto – que, por todo o mundo, impeliam os Católicos a duvidar de ter-nos sido revelado o Segredo na íntegra – serão discutidas em capítulo mais adiante. (Ver “[Será o Terceiro Segredo constituído por dois textos distintos?](#)”, Capítulo 12 de *O derradeiro combate do demónio*.) Por ora, consideramos o “comentário” de Ratzinger/Bertone em *AMF* sobre a Mensagem de Fátima como um todo.

O Cardeal Sodano dita a “Interpretação” do Terceiro Segredo

Em primeiro lugar, *AMF* é, na verdade, uma concordância virtual de que a “interpretação” da Mensagem de Fátima, da qual o Cardeal Ratzinger e Monsenhor Bertone “encetar[ão] uma tentativa” (para citar as palavras do Cardeal Ratzinger), foi ditada pelo próprio Cardeal Sodano. Não menos de quatro vezes, *AMF* afirma que está a seguir a “interpretação” de *Sodano* do Terceiro Segredo – ou seja, que Fátima pertence ao passado:

Antes de encetar uma tentativa de interpretação, cujas linhas essenciais podem encontrar-se na comunicação que o *Cardeal Sodano* pronunciou, no dia 13 de Maio deste ano [...]

Por tal motivo, a linguagem feita de imagens destas visões é uma linguagem simbólica. Sobre isto, diz o *Cardeal Sodano* [...]

Como resulta da documentação anterior, a interpretação dada pelo *Cardeal Sodano*, no seu texto do dia 13 de Maio, tinha antes sido apresentada pessoalmente à Irmã Lúcia. [...]

Em primeiro lugar, *devemos supor, como afirma o Cardeal Sodano*, que “os acontecimentos a que faz referência a terceira parte do ‘segredo’ de Fátima parecem *pertencer já ao passado*”.

E para o caso de o leitor ainda não ter conseguido entendê-lo, o objectivo fundamental de *AMF* é reforçado mais uma vez:

Os diversos acontecimentos, na medida em que lá são representados, *pertencem já ao passado*.

Ora vejamos: não é curioso o facto de a interpretação da Mensagem vital dada ao mundo pela Santíssima Virgem de Fátima não ter sido entregue nem ao Papa, nem mesmo à Congregação para a Doutrina da Fé (que se limitou meramente a macaquear a opinião do Cardeal Sodano), mas sim ao *Secretário de Estado do Vaticano*? Que autoridade tem o Cardeal Sodano para impor o seu ponto de vista à Igreja? Nenhuma, evidentemente. Mas o Cardeal Sodano tinha-se arrogado aquela autoridade, ao manter o

ascendente pós-conciliar global de Secretário de Estado do Vaticano ao nível de um Papa *de facto*, quanto à governação diária dos assuntos da Igreja.

O Cardeal Ratzinger executa a linha do partido de Sodano

Voltando ao “comentário” com estes factos em mente, qualquer um pode ver que a tal conferência de imprensa de 26 de Junho de 2000 teve um só propósito primordial: levar por diante a ordem do Cardeal Sodano com respeito à interpretação “correcta” da Mensagem de Fátima. Na própria altura em que os jornalistas saíram daquela sala, a Mensagem de Fátima – toda ela – destinava-se a ser enterrada. E, uma vez enterrada, a Mensagem já não impediria o Cardeal Sodano e os seus colaboradores de seguirem, de modo implacável, a nova orientação pós-Fátima da Igreja, que inclui (como veremos) o importante assunto eclesial de louvar, jantar e conviver no Vaticano com tipos como Mikhail Gorbachev, depois de o Papa ter pedido desculpa ao regime da China Vermelha, de se fazer pressão sobre os Católicos romenos para entregarem à Igreja Ortodoxa os direitos, que cabiam à Igreja Católica local, sobre as propriedades roubadas por Josef Stálin, de se apoiar e mesmo de se contribuir com dinheiro para um Tribunal Criminal Internacional, ateu e irresponsável, que, sob os auspícios das Nações Unidas, poderia pôr na justiça Católicos de qualquer nação por “crimes” não especificados “contra a humanidade,” e outros que tais “trunfos” da diplomacia do Vaticano.

Por outras palavras: cada último reduto na Igreja tem de se conformar com o novo modo de pensar e de falar ao mundo do Vaticano – o que não quadra bem nem com a profecia de Nossa Senhora de Fátima sobre o *Triunfo* do Seu Imaculado Coração, nem com a difusão da *devoção* ao Seu Imaculado Coração, nem com a consequente *conversão* da Rússia por meio da intervenção do Imaculado Coração. Este tipo de conversa, pura e simplesmente, já não dá, mesmo supondo que vem da própria Mãe de Deus. Logo, a missão precisa que, a 26 de Junho de 2000, o Cardeal Ratzinger e Monsenhor Bertone deviam realizar era encontrar uma maneira de desligar os Fiéis, de uma vez por todas, dos aspectos explicitamente católicos da Mensagem de Fátima, que tão claramente nos lembram a Igreja “triumfal” da “idade das trevas pré-conciliar.”

Primeiro, foi a tentativa do Cardeal Ratzinger, em *AMF*, de eliminar o *Triunfo* do Imaculado Coração:

Queria, no fim, tomar uma vez mais outra palavra-chave do ‘segredo’ que justamente se tornou famosa: “O meu Imaculado Coração triunfará”. Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele “Sim”, Deus pôde fazer-Se homem no nosso meio e tal permanece para sempre.

O leitor atento pode reparar de imediato que o Cardeal Ratzinger suprimiu (muito convenientemente) as duas primeiras palavras da profecia da Santíssima Virgem: *Por fim*. Esta censura clara e intencional feita à própria Mãe de Deus era necessária para a “interpretação” revisionista do Cardeal Ratzinger, seguindo o tom das palavras ditadas por Sodano: isto é, que Fátima pertence ao passado.

Portanto, “*Por fim*, o Meu Imaculado Coração triunfará” – depois do afastamento vantajoso das duas primeiras palavras – é agora entendido do seguinte modo: “Há 2000 anos, o Meu Imaculado Coração triunfou.” A profecia de Nossa Senhora do que *acontecerá por fim* é falsificada flagrantemente, para ser um mero reconhecimento do que já aconteceu há 20 séculos, no *início* da história do Cristianismo. Quatro acontecimentos futuros – o triunfo do Imaculado Coração de Maria, a Consagração da Rússia, a conversão da Rússia e o período de paz no mundo que daí resultará – são astuciosamente convertidos em um só acontecimento, de há 2000 anos!

Esta manipulação de uma Mensagem que o próprio Deus enviou à terra por meio da Sua Mãe Santíssima haveria de fazer com que alguém, de entre os Fiéis, se levantasse a exigisse justiça em nome do Céu. Mas o Cardeal Ratzinger não acaba aqui a sua carnificina da Mensagem de Fátima; faz ainda muito pior que isso. Referindo-se ao apelo de Nossa Senhora para que se estabeleça pelo mundo inteiro a *devoção* ao Seu Imaculado Coração, do modo como “Deus quer,” o Cardeal Ratzinger apresentou esta zombaria:

O “coração imaculado” é, segundo o evangelho de Mateus (5, 8), um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e, conseqüentemente, “vê a Deus”. Portanto, “devoção” ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* — “seja feita a vossa vontade” — se torna o centro conformador de toda a existência.

Repare-se, primeiro, nas aspas que o Cardeal Ratzinger coloca em redor de *devoção* e de *Imaculado Coração*, que desnuda das suas maiúsculas – sinal seguro de que estas palavras estão prestes a adquirir um novo significado.

Logo, “Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração” deve ser entendido agora como “Deus quer que todos façam a Sua vontade.” Desse modo, todos aqueles cujos corações estão abertos à vontade de Deus adquirirão *o seu próprio* “imaculado coração”. Assim, a devoção ao Imaculado Coração de Maria significaria a abertura do coração *de cada um* para com Deus, e não a difusão da devoção ao Coração *da Mãe Santíssima* com o propósito de tornar o mundo (especialmente a Rússia) católico. Imaculado com I maiúsculo torna-se imaculado com i minúsculo; e o Coração da Santíssima Virgem torna-se o coração de todos, pelo menos potencialmente. Como se um mágico dissesse: “Abracadabra! Já está trocado!”

Claro que há uma só palavra para descrever a diminuição do verdadeiro e único Imaculado Coração – concebido sem Pecado Original e irrepreensível de qualquer mancha de pecado pessoal –, descendo até ao nível do coração de qualquer pessoa que se arrepende dos seus pecados e que encontra a unidade interior com Deus. Só há uma palavra – e essa palavra é *blasfêmia*. Mais será dito sobre este ultraje em particular no capítulo seguinte (“[Fazer valer a nova orientação numa Igreja do ‘Pós-Fátima’](#)”, Capítulo 9 de *O derradeiro combate do demónio*).

Já a *conversão* da Rússia, foi um pouco mais difícil fazê-la desaparecer. Não há muito que se possa dizer para obscurecer a afirmação bem clara da Mãe de Deus de que “o Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia, que *se converterá*.” Mas, como abundantemente demonstrámos, a conversão da Rússia deixou de ser aceitável para o aparelho de poder do Vaticano. A solução para este problema foi simplesmente evitar

qualquer discussão deste assunto em *AMF*, embora as palavras de Nossa Senhora sejam citadas sem comentário. A conversão da Rússia? Qual conversão?

Mas o insulto supremo foi o Cardeal Ratzinger ter citado, em *AMF*, uma única “autoridade” sobre Fátima: o teólogo flamengo Édouard Dhanis, S.J., que o Cardeal Ratzinger identifica como um “eminente conhecedor” de Fátima. Evidentemente que o Cardeal Ratzinger sabe bem que Dhanis, um jesuíta modernista, deve a sua celebridade a ter posto em dúvida as aparições de Fátima. Dhanis propusera que, no Segredo de Fátima, tudo o que fosse além de um apelo à oração e penitência tinha sido fabricado no espírito dos três pastorinhos, com base em coisas que tinham visto ou ouvido ao longo da sua vida. Logo, Dhanis categorizou com o nome de “Fátima II” tudo aquilo que ele, “eminente conhecedor”, arbitrariamente rejeitou como invenções – sem sequer ter entrevistado uma única vez a Irmã Lúcia, nem ter estudado os arquivos oficiais de Fátima.

Como Dhanis afirmou:

Considerando bem tudo isto, não é fácil declarar precisamente qual o grau de credibilidade que deve ser dado aos relatos da Irmã Lúcia. Sem questionar a sua sinceridade nem a solidez de julgamento que ela evidencia na sua vida do dia-a-dia, julgar-se-á prudente usar dos seus escritos apenas sob reserva [...] Observemos também que uma pessoa boa pode ser sincera e mostrar sensatez nos seus juízos quotidianos, mas ter *uma propensão para invenções inconscientes* num determinado domínio ou, em qualquer um dos casos, uma tendência para contar velhas recordações de há vinte anos com embelezamentos e modificações consideráveis.¹

Dhanis, que recusou examinar os arquivos oficiais de Fátima, levantou dúvidas sobre cada um daqueles aspectos da Mensagem de Fátima que não concordava com as suas inclinações neo-modernistas: à oração ensinada pelo Anjo, chamou “inexacta”; à visão do Inferno, disse ser uma “exagerada representação medieval”; à profecia de “uma noite iluminada por uma luz desconhecida” anunciando o advento da II Guerra Mundial, descreveu-a como “uma base para suspeição.” E quanto à Consagração da Rússia, Dhanis declarou redondamente que “A Rússia não poderia ser consagrada pelo Papa sem que tal acto se revestisse de um certo ar de provocação, quer em relação à Igreja separada, quer em relação à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. *Isto tornaria a consagração praticamente irrealizável...*” Portanto, Dhanis declarou que a Consagração da Rússia era “moralmente impossível devido às reacções que viria, previsivelmente, a provocar.”²

A desconstrução que Dhanis fez da Mensagem de Fátima é um exemplo típico de como os modernistas minam as verdades católicas, baseados em premissas inventadas por eles próprios. Assim (premissa inventada), se a Consagração da Rússia é moralmente impossível, como teria Nossa Senhora de Fátima pedido que se fizesse? Tendo assim feito a sua jogada contra a Irmã Lúcia, Dhanis extrai a conclusão “inevitável”: “Mas seria de crer que a Santíssima Virgem tivesse pedido uma consagração que, tomada rigorosamente à letra, era praticamente irrealizável? [...] Com efeito, tal pergunta parece requerer *uma resposta negativa*. [...] Logo, dificilmente parece provável que Nossa Senhora pedisse a consagração da Rússia...” Com base

inteiramente na premissa inventada por Dhanis, o testemunho da Irmã Lúcia é classificado como ‘uma fraude’.

É exactamente esta a linha adoptada pelo Cardeal Sodano e pelo seu aparelho de Estado do Vaticano: a Mãe de Deus nunca poderia ter pedido uma coisa tão diplomaticamente embaraçosa como uma consagração pública da Rússia; assim, devemos eliminar esta noção embaraçosa de uma vez por todas. É esta linha, a Linha do Partido, que o Cardeal Ratzinger aprovou no seu “comentário”, ao elogiar Dhanis como um “eminente conhecedor” de Fátima. E, continuando a linha do partido, o Cardeal Ratzinger afirma que o Terceiro Segredo em particular consta de “imagens que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé.” Por outras palavras, como se poderá saber, na verdade, quais as partes do Terceiro Segredo que são autênticas e quais as que são meramente memórias pessoais ou “intuições”? É claro que se isto for verdade quanto ao Terceiro Segredo, também pode ser verdade em relação a toda a Mensagem de Fátima.

A astuta tentativa do Cardeal Ratzinger de enfraquecer insidiosamente a credibilidade da Irmã Lúcia, no seu grande respeito para com a Mensagem de Fátima, será novamente discutida no capítulo seguinte (“[Fazer valer a nova orientação numa Igreja do ‘Pós-Fátima’](#)”, Capítulo 9 de *O derradeiro combate do demónio*). Aqui basta dizer que a concordância evidente entre o Cardeal Ratzinger e Dhanis – de que todos os elementos especificamente proféticos da Mensagem de Fátima não são fiáveis – serve para o desqualificar quanto a fazer alguma “interpretação” do Terceiro Segredo ou de alguma outra parte da Mensagem de Fátima. Muito simplesmente, o Cardeal Ratzinger *não acredita* que a Mãe de Deus pediu a Consagração da Rússia, a conversão da Rússia à Fé Católica, o Triunfo do Imaculado Coração de Maria e o estabelecimento, pelo mundo inteiro, da devoção especificamente católica *ao único* Imaculado Coração. Sendo este o caso, o Cardeal tinha o dever de dar a conhecer essa sua descrença e de se abster do assunto, em vez de fingir ser uma “interpretação” que mais não é do que uma tentativa de desacreditar aquilo mesmo que aparenta estar a “interpretar.”

O que ficou da Mensagem de Fátima depois de o Cardeal Ratzinger e de Monsenhor Bertone terem acabado com ela a 26 de Junho de 2000? Neste ponto, o Cardeal Ratzinger, Monsenhor Bertone e o Padre Dhanis todos concordam: “O que permanece, dissemo-lo logo ao início das nossas reflexões sobre o texto do ‘segredo’, é a exortação à oração como caminho para a ‘salvação das almas’ (*sic*) e, no mesmo sentido, o apelo à penitência e à conversão.” Em 26 de Junho de 2000 a Mensagem de Fátima tornou-se uma “Fátima *light*”: uma receita diluída para a piedade pessoal, sem qualquer pertinência específica para o futuro.

Então foi para *isto* que a Mãe de Deus veio à terra e se operou o Milagre do Sol? É interessante reparar que, mesmo na apresentação desta versão minimalista da Mensagem, o Cardeal Ratzinger não pôde escrever sobre a salvação das almas sem colocar certas palavras entre aquelas aspas enjoadas que ele usou para, no seu comentário, se poder distanciar das palavras *devoção*, *triumfo* e *imaculado*. Parece até que essa ‘Fátima *light*’ não é suficientemente *light*, no seu conteúdo católico, para o paladar ecuménico dos eclesiásticos modernos.

Quanto ao aviso profético de Nossa Senhora de que “várias nações serão aniquiladas” se a Consagração da Rússia não for feita, parece que esperamos que nos

esqueçamos dele. Não vai haver nenhum aniquilamento de nações; “Fátima pertence ao passado.” É o Cardeal Sodano quem o diz. E o Cardeal Ratzinger concorda.

Para mais pormenores da Linha do Partido sobre a Consagração da Rússia e o Terceiro Segredo de Fátima, veja as restantes secções do [Capítulo 8](#) de *O derradeiro combate do demónio*.

NOTAS:

1. A tese de Dhanis contra Fátima está totalmente explicada e criticada em Frère Michel de la Sainte Trinité, *The Whole Truth About Fatima*, Volume I: *Science and the Facts*, (Immaculate Heart Publications, Buffalo, Nova Iorque, E.U.A., 1989) Parte II, Capítulo 1. Todas as citações sobre a sua falsa teoria são tiradas desta fonte.
2. Ibid.

Artigos relacionados:

[O derradeiro combate do demónio](#) (Capítulos 8, 9, 11 e 12)